

Sexualidades de estudantes universitários: um estudo sobre valores, crenças e práticas sociais na cidade de Goiânia

LUIZ MELLO

Doutor em Sociologia. Professor da UFG

luizman@fchf.ufg.br

MARTA ROVERY DE SOUZA

Doutora em Ciências Sociais. Professora da UFG

martary@gmail.com

NARA MOREIRA DOS SANTOS

Mestranda em Sociologia da UFG

moreirinha85@gmail.com

Resumo

Neste artigo são apresentados os principais resultados de pesquisa sobre valores, crenças e práticas sociais relativos à sexualidade, realizada com estudantes da Universidade Federal de Goiás, no primeiro semestre de 2005. Como principal constatação, observa-se entre os 320 estudantes que responderam a um questionário com 130 perguntas uma prevalência de representações sociais sobre a sexualidade convergentes com a manutenção de um modelo que poderíamos chamar de modernização conservadora da sexualidade. Isso porque, apesar de as respostas sinalizarem uma tendência de fuga a uma compreensão de sexualidade instituída pela hierarquia de gênero, do coitocentrismo e do culto ao corpo, em grande medida ainda há uma adesão a tais representações, estabelecendo-se uma tensão entre concepções liberalizantes da sexualidade, de um lado, e conformismo aos imperativos da gramática sexual dominante, de outro.

Palavras-chave: sexualidades; estudantes universitários; Goiânia.

NESTE ARTIGO REFLETIMOS sobre o universo sexual dos estudantes da Universidade Federal de Goiás (UFG), na cidade de Goiânia. Para isso partimos de uma investigação¹ que teve por objetivo principal compreender o lugar da sexualidade na vida dos indivíduos e seus significados nas sociedades modernas. A elaboração deste texto insere-se, portanto, no âmbito da busca de compreensão das implicações das transformações que têm caracterizado a sociedade brasileira no campo da sexualidade, tais como a emergência de fenômenos sociais como a

¹ Os achados estatísticos aqui apresentados e problematizados são originários da pesquisa "Sexualidades de estudantes universitários: um estudo sobre valores, crenças e práticas sociais", desenvolvida sob a coordenação dos professores Luiz Mello e Marta Roverly de Souza, no período de agosto de 2003 a julho de 2005. Ao longo das várias etapas da pesquisa, contamos com o empenho e a dedicação de um significativo grupo de bolsistas de iniciação científica, aos quais queremos agradecer pela contribuição direta ao trabalho de investigação: Ana Cecília dos Santos Gumerato, Camila Dias Cavalcanti, Carolina Fernandes de Souza Freire, Fátima Regina Almeida de Freitas, José Seronni Neto, Lidiane Gonçalves, Morgana Bailão Albino, Paula Coutinho Gonçalves, Renato Almeida de Araújo Abreu, Tâmara Marya Alves Marques e Wanessa Melo.

redefinição das relações de gênero; a supererotização das relações sociais; o aumento dos casos de gravidez na adolescência, de prostituição infantil-juvenil e de pedofilia; a difusão de técnicas de reprodução assistida; a maior aceitação social da homossexualidade; as lutas em torno da descriminalização do aborto; a mercantilização de corpos esculpido a silicone e bisturi e o combate à propagação da aids. Nesse cenário, observa-se que uma vida sexual ativa também tem se transformado em um imperativo categórico de felicidade individual, assumindo um lugar cada vez mais central nas complexas lógicas de realização existencial no mundo contemporâneo. Como destacam Foucault (1977) e Weeks (2001), a sexualidade não é somente uma preocupação individual, mas uma questão claramente crítica e política, devendo, portanto, ser objeto de investigações e análises cuidadosas.

É certo, porém, que, nos últimos anos, a flexibilização dos modelos de sexualidades e relacionamentos amorosos vem ocorrendo em nível do senso comum e está consolidada, no meio acadêmico, a compreensão de que as formas históricas da sexualidade variam muito em termos de sua estrutura, funções e objetivos, sendo o modelo hoje hegemônico no mundo ocidental uma construção econômica, política, social e cultural demarcada temporal e espacialmente (Giddens, 1993). Por outro lado, constata-se que as transformações que estão a caracterizar os últimos 40 anos têm apontado para questionamentos substantivos na esfera das práticas sociais relacionadas à sexualidade, colocando em xeque valores tidos como fundantes das sociedades humanas, a exemplo da crescente dissociação entre sexualidade, conjugalidade e reprodução, num contexto de redefinição significativa das relações de gênero prevalentes no Brasil e no mundo ocidental (Mello, 2005).

Não há dúvidas de que um dos principais desafios em uma investigação sobre valores, crenças e práticas sociais é a construção de uma abordagem metodológica que permita o acesso a representações sociais tradicionalmente vulneráveis à censura, à negação e à fantasia, como são especialmente as relativas à sexualidade. Em nossa pesquisa, muitas reuniões envolvendo alunos e professores foram destinadas à análise crítica de textos e questionários que objetivavam a construção de perfis sexuais, a exemplo dos elaborados por Abbo *et al* (2002), Pirotta (2002), Ministério da Saúde (2000), Folha de São Paulo (1998), Borges (1996), Silveira (1993) Muraro (1983), Inez (1983), Lima (1978),

Vasconcelos (1973), Hite (1982, s/d), Kinsey (1953, 1948). Com base em leitura e discussão no grupo da pesquisa dos modelos de questionários e entrevistas encontrados, chegou-se à construção coletiva do instrumento por nós utilizado, o qual esteve particularmente influenciado pelo questionário elaborado para a pesquisa “Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil” (Pesquisa Gravada) (Heilborn et al, 2006), por ser um dos mais completos já aplicados no Brasil a grupo etário próximo do que compõe nossa amostra².

O questionário da pesquisa, em sua versão final, contemplou 130 perguntas – sendo apenas duas abertas –, divididas em sete módulos: A – Identificação pessoal (27 questões); B – Crenças e valores sobre sexualidade (8 questões); C – Iniciação sexual e experiências sexuais (23 questões); D – Trajetória afetivo-sexual (22 questões); E – Última relação sexual (30 questões); F – Gravidez e direitos reprodutivos (13 questões); e G (7 questões) – Perguntas a serem respondidas pelo entrevistador, com o objetivo de avaliar o processo de aplicação do questionário. No Módulo C havia uma parte específica para as pessoas que não tiveram relação sexual e no E, perguntas diferenciadas para pessoas que tiveram relações heterossexuais e/ou homossexuais. Ao final do Módulo F, havia um espaço dedicado aos comentários dos entrevistados sobre suas impressões ao responder o questionário. Nesse sentido, não podemos deixar de registrar a receptividade dos estudantes da UFG quando da aplicação dos questionários. Na avaliação dos entrevistadores, 77% dos homens e 84% das mulheres não tiveram dificuldade para compreender as perguntas e aproximadamente 95% dos entrevistados de ambos os sexos demonstraram cooperação boa ou ótima durante a entrevista e expressaram nível de interesse alto ou médio em relação à entrevista. Mais de 65% dos entrevistados disseram se sentir à vontade para responder o questionário, embora 14% das mulheres tenham dito que se sentiram envergonhadas.

Compondo a amostra, 320 alunos de graduação – (154) homens e (166) mulheres – responderam, no período de 30 de março a 15 de abril de 2005, ao questionário, contemplando diferentes cursos de graduação dos *campi* I e II da UFG, em Goiânia, nos termos da classificação de áreas do conhecimento proposta pelo CNPq: Ciências Exatas e da Terra (60 alunos), Ciências da Saúde/Biológicas (76), Ciências Humanas (61), Ciências Sociais Aplicadas (38), Enge-

² O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás. A aplicação do questionário foi precedida de assinatura, pelo entrevistado, do termo de consentimento esclarecido e informado. Vinte e quatro alunos do curso de Ciências Sociais e afins foram treinados para a aplicação dos questionários. Aqui agradecemos especialmente aos que realizaram este trabalho voluntariamente, em parceria com os bolsistas PIBIC do projeto: Adélia S. Procópio, Cristiana de A. Fernandes, Divina Patrícia Custodio, Erikson do A.F. Matinada, Fabiana Leonel de Castro, Fátima Regina de Almeida Freitas, Lorena Ferraz Cordeiro Gonçalves, Luciene Correia Santos de Oliveira, Maiani Camargo Montijo, Marcelo de Paula Pereira Perillo, Miryam Moreira Mastrello de Araújo, Nidilaine Xavier Dias, Patrícia Gomes de Macedo, Patrik Thames Franco, Régys Rodrigues da Mota, Renato Fernandes de Sousa, Sandra Silva Sousa, Tatiane Pereira Canuto, Vanilda Maria de Oliveira, Virginia Perini Peralta Cunha.

nharias (34) e Lingüística, Letras e Artes (51). O intervalo de confiança da amostra foi estimado em 95%, com margem de erro de mais ou menos 5%³.

Perfil dos entrevistados

Com base em respostas ao primeiro módulo do questionário (27 questões), foi possível traçar o perfil básico dos alunos entrevistados, contemplando variáveis como sexo, orientação sexual, faixa etária, renda, raça/cor, religião, escolaridade dos pais, nível de renda da família, chefia da família e estado civil dos entrevistados, entre outras. Em nossa amostra, 52% dos entrevistados eram mulheres e 48%, homens, prevalecendo as faixas etárias entre 16 e 20 anos (39%) e entre 20 e 25 anos (51%). Na primeira faixa situam-se 58% dos homens entrevistados e na segunda, 34%. Já no caso das mulheres, há valores próximos nas duas faixas etárias, 46% e 45%, respectivamente. Por ser uma amostra em que predomina o segmento jovem, nota-se que 92% dos entrevistados eram solteiros e apenas 6%, casados. Em relação à pergunta "Você mora com quem", a maioria dos estudantes, tanto do sexo feminino quanto masculino, responderam que moravam com os dois pais e irmãos (42,8%) ou com um dos pais e irmãos (21,8%). Noventa e quatro por cento do total de entrevistados residiam na cidade de Goiânia.

Trinta e um por cento dos estudantes entrevistados possuíam uma renda familiar na faixa de R\$ 1.301,00 a R\$ 2.860,00; 22% de R\$ 2.861,00 a R\$ 4.420,00 e 21% tinham uma renda de R\$ 261,00 a R\$1.300,00⁴. Já entre os 36% dos estudantes que trabalhavam, 60% recebiam uma remuneração na faixa de R\$ 261,00 a R\$ 1.300,00. Em relação ao quesito cor/raça, 48% dos entrevistados se declararam brancos; 35%, pardos; 5%, negros; 2,5% se classificaram como amarelos e 1,6%, como indígenas. No que diz respeito ao tempo de vida acadêmica, a maior parte encontravam-se nos primeiros três anos do bacharelado (75% da amostra). Para os estudantes entrevistados, a televisão e a internet são os principais meios de acesso à informação, com mais de 40% deles assistindo TV e acessando internet diariamente.

Em relação à religião, aproximadamente 38% dos entrevistados se declararam católicos, seguidos por 16% de protestantes e 13% de espíritas kardecistas, com apenas 0,3% dos entrevistados se reconhecendo como adeptos de religião afro-brasileira. Também se constata um número significativo de pessoas que disseram não possuir nenhuma religião (36,6% dos homens e 26% das mulheres). A religião configurou-se como dimensão

muito importante na vida de 58% das alunas entrevistadas e de 41% dos alunos.

Quanto à escolarização dos pais, 31% dos entrevistados declararam que a mãe possuía o Ensino Médio completo, seguido, respectivamente pelo Superior completo (26%) e Superior incompleto (11%). A propósito da instrução do pai, 30% responderam Ensino Médio completo, 27% Superior completo e 13% Ensino Fundamental incompleto. No que diz respeito à chefia da família, quase metade dos entrevistados identificou o pai como a autoridade familiar, ao passo que aproximadamente um quarto declarou somente a mãe como provedora e outro um quarto, ambos (pai e mãe).

Observou-se também que, apesar da incidência de uma alta escolaridade ser maior para as mães dos entrevistados (75%) do que para seus pais (70%), a maioria das famílias chefiadas por mulheres (72%) apresenta rendimentos inferiores a R\$ 2.860,00, ao passo que nas famílias chefiadas por homens, grande parte dos entrevistados (53%) declarou ter renda familiar superior ao mesmo valor.

Em relação à pergunta "Você trabalha remuneradamente" há um ligeiro equilíbrio entre os estudantes que trabalham e os que "nunca trabalharam", 35,6% e 34,7% respectivamente. Entre os homens, prevaleceram as categorias "trabalha remuneradamente" (38,3%) e "já [trabalhou], mas está desempregado" (33,1%). Entre as mulheres as categorias mais frequentes foram: "trabalha remuneradamente" (33,1%) e "nunca trabalhei" (40,4%), o que demonstra uma entrada mais precoce dos homens no mercado de trabalho.

No que diz respeito às atividades sexuais dos estudantes, um quarto da amostra declarou nunca ter mantido relações sexuais, o que corresponde a 34% das mulheres respondentes e 16% dos homens. A maioria absoluta dos entrevistados (93%) declarou ter tido apenas práticas heterossexuais ao longo de suas vidas, caracterizando uma enorme contraposição àqueles que declararam manter somente práticas homossexuais (1%). Entre os que declararam manter práticas bissexuais (6%), há uma prevalência significativa de mulheres (64%), quando comparadas aos homens (36%).

Já quando se observa a orientação sexual no plano do desejo, e não apenas das práticas, notamos que há um percentual maior de mulheres que afirmaram só sentir atração por pessoas do mesmo sexo (1,8%) do que de homens que fizeram a mesma afirmação (1,5%). Esta discrepância entre prática e desejo continua a ser visível quando analisamos os estudantes em geral: observa-se uma queda de 5,0% em relação à

3 Agradecemos ao Prof. Dr. Carlos Leão, do Departamento de Ciências Sociais da UFG, pelo auxílio na definição da amostra. As listagens com os números de alunos por ano e curso foram fornecidas pela Pró-Reitoria de Graduação da UFG, para o período de 2000 a 2004.

4 À época da aplicação do questionário, o salário mínimo no Brasil era R\$ 260,00.

heterossexualidade, acompanhada de um aumento de 100% em relação à homossexualidade, acréscimo que foi encontrado em valor muito semelhante no que se refere à bissexualidade.

Enfim, ao montarmos um perfil geral da aluna entrevistada, notamos que ela é, na maior parte das vezes, heterossexual (92%), branca (43%), solteira (91%) e tem, no máximo, 25 anos de idade (90%), além de se concentrar nos cursos da área de humanas (64%) e optar pela religião católica (45%), aspecto que tem muita importância em sua vida (58%). No que diz respeito ao aluno entrevistado, em linhas gerais, pode-se dizer que ele também é heterossexual (94%), branco (53%), solteiro (93%) e tem idade máxima de 25 anos (92%). Já no que se refere às suas escolhas, este aluno opta por não ter religião (37%) – apesar de ainda defini-la como um aspecto muito importante em sua vida (42%) – e concentrar-se nos cursos das áreas de engenharias e exatas (ambas com 62% de alunos homens e 38% mulheres).

Crenças e valores sobre a sexualidade

Foi perguntado aos estudantes o que eles consideravam como relação sexual. Apresentamos seis opções, e, na última alternativa, os alunos poderiam especificar práticas diferentes das relacionadas, se não se sentissem contemplados com as proposições dadas. Cada aluno poderia marcar mais de uma opção e as respostas sistematizadas estão na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1 - “O que você considera como relação sexual?” (resposta múltipla)

Práticas	Homens	Mulheres	Total
Jogos, brincadeiras amorosas, beijos e carícias	44,8	47,6	46,2
Masturbação a dois	61,7	51,8	56,6
Penetração vaginal	94,2	90,9	92,5
Sexo anal	70,8	59,0	64,7
Sexo oral	76,6	65,7	70,9
Outra (especificar)	2,6	1,8	2,2

Observa-se que a opção mais escolhida, tanto por homens (94%) quanto por mulheres (91%), foi a “penetração vaginal”, confirmando a percepção dominante de que atividade sexual está relacionada diretamente ao intercurso genital. Por outro lado, no que diz respeito à “masturbação a dois”, “sexo anal” e “sexo oral”, a proporção de homens que as consideraram como relação sexual é maior do que a de mulheres, havendo, por exemplo, uma diferença de mais de 10% nas opções “sexo oral” e “sexo anal”. Por sua

vez, no tocante a “jogos, brincadeiras amorosas, beijos e carícias”, a proporção de mulheres é maior, apesar de ser uma diferença pequena entre as respostas das pessoas do sexo masculino e feminino.

Já ao analisarmos afirmações relativas a crenças e valores sobre aspectos da sexualidade (Tabela 2), podemos notar que somente duas percepções, entre as apresentadas, predominam no imaginário dos estudantes, sem diferenças significativas quanto ao sexo dos alunos: que os homens, por natureza, sentem mais desejo que as mulheres (60%) e que as mulheres que facilmente atingem o orgasmo são sexualmente privilegiadas (56%).

Já em relação aonexo entre sexo e amor, solicitou-se aos entrevistados que dissessem se concordavam, concordavam em parte ou discordavam das seguintes afirmativas: “1 - Deve-se ter relações sexuais somente quando se está apaixonado; 2 - É possível ter relação sexual sem amor; 3 - O amor pode existir sem atração sexual; 4 - Os jovens não deveriam fazer sexo antes do casamento; 5 - Pode haver amor sem fidelidade”. Conforme respostas obtidas, observa-se que há uma ampla crença entre possibilidade de desvincular sexo de amor (69%). Entretanto, ao compararmos homens e mulheres, pode-se notar que 50% das entrevistadas reprovam tal conduta, ao passo que apenas 19% dos entrevistados compartilham desse entendimento. Embora os homens, em geral, não reprovem tal desvinculação, a maioria deles (81%), assim como das mulheres (95%), não acredita que a infidelidade (fazer sexo com outros parceiros) seja algo aceitável, nem que possa existir amor sem fidelidade, afirmação que obteve 61% de rejeição para elas e 58% para eles.

Tabela 2 - “Atribua verdadeiro (V), falso (F) às informações a seguir

Afirmações	Sim	Não
1. A virgindade é importante para o sucesso do casamento	9,7	90,3
2. As mulheres que facilmente atingem o orgasmo são sexualmente privilegiadas	56,1	39,8
3. As mulheres que transam na primeira noite não são mulheres com quem se deva casar	18,7	79,7
4. Homem que sente prazer na estimulação de seus mamilos possui tendências homossexuais	3,4	91,9
5. Os homens, naturalmente, têm mais desejo sexual que as mulheres.	59,7	39,4
6. Os negros têm maior impulso sexual que os brancos	7,2	80,9

Dessa forma, podemos notar que a desvinculação entre sexo e amor não se baseia em uma aceitação da infidelidade, percepção que foi confirmada na prática daqueles que disseram manter um relacionamento atualmente (56% do total de entrevistados), pois 77% destes declararam que não mantiveram relação sexual com outras pessoas durante o relacionamento. Grande parte dos entrevistados (90%) acredita que o exercício da sexualidade é uma fonte de prazer e de satisfação

peçoal. No entanto, observa-se que, embora a maioria (72,5%) concorde que é possível controlar o desejo sexual, um número considerável de estudantes (52%) também acredita que a prática sexual é uma necessidade física, como a fome ou a sede, mostrando o quanto a sexualidade ainda é vista numa perspectiva essencializada e naturalizante (Guasch; Osborne, 2003).

Em relação à pergunta sobre se consideravam a virgindade importante para o sucesso do casamento, apenas 10% do total de entrevistados responderam afirmativamente, sem diferenças significativas entre homens e mulheres. Da mesma forma, apenas 11% dos entrevistados entendem que os jovens não deveriam fazer sexo antes do casamento.

Já o tema do aborto, mesmo entre universitários, ainda é quase um tabu, sendo sua realização vista com algum tipo de restrição pela maioria dos entrevistados. Sessenta e oito por cento dos estudantes admitem o aborto somente nos casos em que a gravidez é resultado de violência sexual (já previsto em lei), enquanto quase um quarto ainda o considera inaceitável em qualquer situação. O pai não querer assumir a criança ou a mãe não querer ter o filho não são vistos como motivos para a realização de um aborto pela quase totalidade dos entrevistados. Vale destacar que apenas 4% das entrevistadas responderam já ter feito aborto. Convém destacar que os posicionamentos relativos ao aborto mostram que os estudantes da UFG possuem opiniões convergentes com o quadro de conservadorismo moral prevalecente no País sobre o tema, captado quando se utiliza instrumentos quantitativos de pesquisa.

Trajatória afetivo-sexual: iniciação, práticas e experiências sexuais

A primeira fonte de informação e diálogo que os entrevistados tiveram sobre sexualidade provavelmente não foi a família, uma vez que um número significativo de estudantes (38%) declarou que já tinham tido relações sexuais entre 11 e 15 anos de idade quando seus pais conversaram com eles sobre sexo pela primeira vez, sem contar que, em 22% dos casos, os pais nunca falaram sobre o assunto. No tocante ao início das atividades sexuais dos entrevistados, a masturbação foi declarada como prática pela maioria (81%), ocorrendo pela primeira vez também entre 11 e 15 anos de idade (70%). Entretanto, como essa prática é unânime para os homens, para 36% das mulheres ela nunca ocorreu. A primeira relação sexual, para uma grande parte dos entrevistados, aconteceu entre os 16 e 20 anos de idade (61%) – 68% para as mulheres e 55% para os homens (Tabela 3), com namorado (a) (53%), de mesma faixa etária (54%), na casa de um dos dois (63%).

Tabela 3 - "Que idade você tinha na sua primeira relação sexual?"

Idade 1ª relação	Homens	Mulheres	Total
De 5 a 10 anos	0,8	0,0	0,4
De 11 a 15 anos	42,3	17,4	30,9
De 16 a 20 anos	55,4	67,9	61,0
De 21 a 25 anos	1,5	12,8	6,7
Mais de 26 anos	0,0	1,8	0,8
Total	100,0	100,0	100,0

A maioria dos entrevistados já teve algum tipo de relação sexual: no caso dos homens, aproximadamente 84%, e no caso das mulheres em torno de 66%. Entre os que ainda não se iniciaram na vida sexual, o não encontro do parceiro (a) ideal ou adequado (a) foi a principal justificativa apresentada para a manutenção da virgindade, tanto entre homens quanto entre mulheres (Tabela 4). É interessante notar que a porcentagem de homens que utilizou este argumento superou a de mulheres, contrariando a crença de que a iniciação sexual do homem se dá com qualquer parceira que esteja disponível e ao seu alcance.

Tabela 4 - "Você não teve relações sexuais porque": (respostas múltiplas)

Motivos	Homens	Mulheres	Total
É muito novo (a)	8,3	21,8	17,7
Não encontrou o (a) parceiro (a) ideal ou adequado (a)	66,7	58,9	61,2
Por motivos religiosos	37,5	32,1	33,7
Porque a família condena	8,3	8,9	8,7
Pretende casar virgem	33,3	28,6	30,0
Tem medo de engravidar a parceira/ ficar grávida	20,8	25,0	23,7
Tem/teve vontade, mas nunca teve oportunidade	33,3	16,1	21,2
Outro (especificar)	0,0	12,5	8,7

A propósito dos motivos que levaram os estudantes a ter a sua primeira relação sexual, as alternativas mais frequentes entre os homens foram "tesão" (78%), "curiosidade" (58%) e "para perder a virgindade" (42%); já entre as mulheres as respostas mais frequentes foram "tesão" (58%), "amor" (51%) e "curiosidade" (47%). Embora a alternativa "tesão" seja a mais votada para ambos os sexos, o que mostra também uma preocupação das mulheres com a busca do prazer, isso não nos impede de constatar que a alternativa "amor" é a segunda mais referida entre as mulheres, enquanto que para os homens não alcança nem 14%, o que nos reporta a uma certa representação de gênero que tende a associar o amor à sexualidade das mulheres (Parker, s/d).

Já no que diz respeito às práticas prevaletentes nas relações sexuais, nota-se que somente o sexo vaginal

é relatado pela maioria absoluta dos estudantes, em contraposição significativa ao sexo anal (Tabela 5). Quando se realiza um recorte por gênero, observa-se que os homens – independentemente de sua orientação sexual – declararam manter com frequência um pouco maior que as mulheres um leque mais amplo de práticas sexuais, especialmente sexo oral (64% para eles e 56% para elas) e sexo anal (5% para eles e 3% para elas). Aproximadamente metade de todos os estudantes entrevistados relataram que a masturbação a dois também é prática freqüente. Vale aqui lembrar, como o faz Szasz (2004, p. 70), que “em quase todas as culturas existem normatividades diferentes para homens e mulheres quanto aos comportamentos sexuais e valorações diferenciadas para os comportamentos considerados como femininos ou masculinos, associadas às idéias de atividade e passividade sexual”.

Tabela 5 - Com que freqüência você pratica

Prática	Sempre/ Freqüentemente	Raramente/ Nunca	Total
Sexo oral	60,3	39,7	100,0
Sexo vaginal	94,9	5,1	100,0
Sexo anal	3,8	96,2	100,0
Masturbação a dois	49,4	50,6	100,0

Quanto ao ritmo da vida sexual dos entrevistados, percebemos que, de um modo geral, estes tiveram no máximo três parceiros no ano que antecedeu a pesquisa (79%) e no máximo seis ao longo da vida (70%), afirmação que é convergente com a declaração da maioria (72%) de já ter passado mais de seis meses sem relações sexuais. No entanto, quando fazemos uma análise por gênero, notamos que há um número muito maior de mulheres (93%), quando comparadas aos homens (68%), que teve no máximo três parceiros no ano que antecedeu a pesquisa, embora tenham ficado mais de seis meses sem ter relações sexuais em menor proporção (63%) do que aqueles (79%). Já no que diz respeito aos relacionamentos que incluíram sexo e que duraram mais de três meses, 82% das mulheres e 62% dos homens disseram ter tido entre 1 e 3, com 15% dos homens e 8% das mulheres afirmando que este número variou entre 4 e 6. Por outro lado, 19% dos homens e 9% das mulheres entrevistadas disseram nunca ter tido esse tipo de relacionamento.

Entre os entrevistados que mantinham algum relacionamento que incluisse sexo no momento da entrevista (53% dos homens e 58% das mulheres), o tempo médio de duração do vínculo era superior a dois anos e dois meses apenas para 21% dos homens e 38% das mulheres entrevistadas. No âmbito desses relacionamentos 93% dos homens e 94% das mulheres disseram ter prazer sexual freqüentemente. Quanto à questão sobre quem tinha a iniciativa da relação sexual

no âmbito dos relacionamentos, as respostas apresentadas na Tabela 6 ilustram como ainda prevalece entre os entrevistados um lugar de maior iniciativa sexual por parte dos homens. Por outro lado, mas na mesma direção, observa-se que 37% dos homens e 8% das mulheres entrevistadas afirmaram que durante esse relacionamento tiveram relação sexual com outra pessoa, que não seu parceiro estável, enquanto 83% dos homens e 77% das mulheres imaginam que seus parceiros não tiveram relações sexuais com outras pessoas durante o relacionamento.

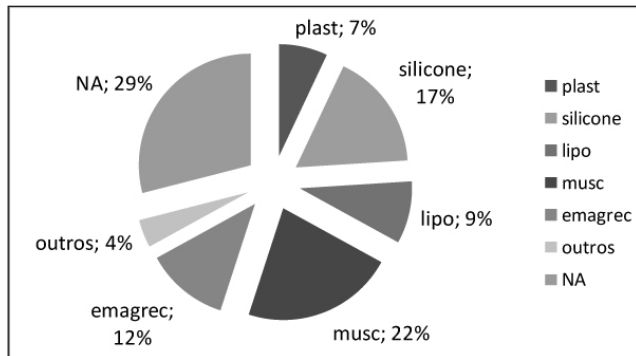
Tabela 6 – Quem costuma tomar a iniciativa da relação sexual?

Iniciativa da relação	Homens	Mulheres	Total
Freqüentemente o parceiro	7,3	21,9	14,4
Freqüentemente você	39,7	7,9	24,2
Sempre o parceiro	1,5	3,2	2,3
Sempre você	5,9	3,2	4,5
Os dois igualmente	45,6	64,1	54,6
Total	100,0	100,0	100,0

De uma maneira geral, observa-se que as atividades sexuais configuram-se como um aspecto importante na vida dos entrevistados que já tiveram relações sexuais (85%), sendo, no entanto, mais importante para os homens (91%) do que para as mulheres (79%). Por outro lado, notamos que apenas 40% dos entrevistados (39% dos homens e 43% das mulheres) sempre se sentem à vontade para pedir que o parceiro faça as coisas que elas/eles mais gostam em termos sexuais. Entre os entrevistados que já tiveram iniciação sexual, ao passo que 98% dos homens relataram já ter tido orgasmo, esta proporção cai para quase 88% quando se refere às mulheres, não sendo este visto como uma obrigação para que haja satisfação do desejo sexual por 71% dos estudantes. Como informação especialmente significativa, constatamos que 79% dos entrevistados declararam estar satisfeitos com a vida sexual que levam.

A maioria dos entrevistados (61%) respondeu estar satisfeita com o seu corpo. Entretanto, quando comparamos os percentuais de satisfação entre homens e mulheres, percebemos que elas tendem a estar menos satisfeitas com seus corpos do que eles: enquanto entre os alunos o percentual de satisfação é de 69%, entre as alunas ele cai para 53%. Essa discrepância ainda é fortalecida ao compararmos os percentuais de insatisfação, nos quais a variação chega a 10% (somente 9% dos homens insatisfeitos contra 19% das mulheres). Vale ressaltar que mesmo entre aqueles que responderam estar satisfeitos com seus corpos, quando perguntados “Se você pudesse modificar alguma(s) característica(s) de seu corpo, para torná-lo mais atraente sexualmente, qual(is) seria(m)?”, 22% dos alunos responderam que fariam alguma modificação, sendo esta percentagem forma-

Gráfico 1 – Modificaria



da fundamentalmente por mulheres. As alterações no corpo mais desejadas pelas mulheres foram: colocar silicone para aumentar os seios e lipoaspiração no abdômen. Os homens mencionaram fundamentalmente: emagrecimento e definição de massa muscular. Desejos como ser mais alto, alisar o cabelo, engordar e ter olhos azuis ou verdes, entre outros, foram mencionados por apenas 4% dos entrevistados, como podemos ver no gráfico abaixo, representado pela opção “outros”.

Em relação à idade das parceiras sexuais, observamos que metade dos homens entrevistados disseram não ter preferência alguma, podendo estas ser mais velhas, mais novas ou da mesma idade. O mesmo não ocorreu com as mulheres entrevistadas, tendo em vista que 64% delas afirmaram preferir homens com um padrão etário específico, em grande parte um homem mais velho. No campo das fantasias sexuais, a constatação que salta aos olhos é que o universo sexual dos homens é muito mais permeado de desejos sexuais não realizados que o das mulheres. Para quase todas as possibilidades de fantasias sexuais apresentadas pelo entrevistador ao entrevistado, aproximadamente 90% das mulheres responderam negativamente, o que significa, por exemplo, que “ter relação sexual com parente”, “contratar serviços sexuais” e “prostituir-se” não é declarado como experiência almejada pela grande maioria das entrevistadas. Por outro lado, para os homens, as fantasias sexuais mais frequentes são “ter fixação em partes específicas do corpo do outro” (52%), “assistir alguém fazendo sexo” (33%), “fazer troca de casais” (26%) e “ter relação sexual com parente” (22%). Tanto para homens quanto para mulheres, a fantasia sexual mais recorrente é “ter fixação em partes específicas do corpo do outro” (52% e 42%, respectivamente), como fantasia mais rejeitada é “ter relação sexual com animais” – quase 100% do total de entrevistados homens e mulheres (Tabela 7).

No âmbito das fantasias realizadas, o repertório sexual feminino outra vez parece ser menos polissêmico que o dos homens, havendo tendência para uma

vida sexual mais centrada em práticas convencionais – pelo menos no discurso. Entre os homens, as fantasias sexuais realizadas mais frequentes são “ter fixação em partes do corpo do outro” (55%), “trocar insultos e agressões durante a relação sexual” (21%), assistir alguém fazendo sexo (20%), “contratar serviços sexuais” (20%) e usar roupas do sexo oposto (20%). Já para as mulheres, as fantasias realizadas principais são “fixação em partes do corpo do outro” (33%), “fazer sexo virtual” (13%), usar roupas do sexo oposto (10%). Outra vez, a fantasia reconhecida como não realizada pela totalidade dos entrevistados foi “ter relação sexual com animais”.

Tabela 7 – Você tem alguma das seguintes fantasias sexuais?

Fantasias	Homens		Mulheres ⁵	
	Sim	Não	Sim	Não
Assistir alguém	33,0	66,9	12,6	85,6
Contratar serviços	15,3	84,6	5,8	92,3
Gozo c/ objetos	3,1	96,9	6,8	91,3
Fixação em partes	52,3	47,7	42,3	55,8
Prostituir-se	2,3	97,7	3,8	94,2
Relação c/ parente	22,3	77,7	1,9	96,1
Relação c/ animais	0,8	99,2	0,0	98,1
Sexo virtual	10,8	89,2	8,6	89,4
Ser visto	13,1	86,9	9,6	88,5
Troca de casais	26,5	73,8	7,7	90,4
Troca de insultos e agressões	10,8	89,2	6,7	91,3
Usar roupas	1,5	98,5	6,7	91,3
Ñ tem fantasias	20,8	79,2	32,7	65,4
Outras fantasias	20,8	79,2	14,4	83,6

Diante da pergunta “Quais as partes do seu corpo onde as carícias do parceiro o estimulam mais”, as principais respostas dos alunos homens foram, nesta ordem: genitais, nuca, boca, orelhas, barriga, costas, coxas e peito. Entre mulheres, as partes identificadas como mais excitáveis sexualmente em seus corpos foram, também pela ordem: seios, genitais, nuca, boca, mamilos, costas, barriga e orelhas. A similaridade entre as referidas partes, até mesmo em sua hierarquização, é muito grande, com a diferença principal de que seios e mamilos são zonas erógenas fundamentais para mulheres, com os seios, mesmo, apontados como mais centrais na estimulação erótica do que os genitais (Tabela 8). Os achados da Tabela 8 também são reveladores quando comparados ao Gráfico 1 (o que modificaria em seu corpo) porque estão diretamente relacionados, ou seja, particularmente no caso das mulheres as partes mais excitáveis sexualmente são aquelas que foram mencionadas como passíveis de serem modificadas para que se sentissem mais atraentes sexualmente.

⁵ As respostas “não sabe” e “não responde” não são apresentadas por representar menos que 2% do valor total.

Tabela 8 - "Quais são as partes do seu corpo onde as carícias do parceiro o estimulam mais?" (respostas múltiplas)

Parte do corpo	Homens	Mulheres	Total
Axila	3,8	0,9	2,5
Barriga	48,4	52,2	50,2
Boca	55,0	66,0	60,1
Braços	11,5	5,5	8,8
Cabelos	23,0	29,3	25,9
Costas	44,6	53,2	48,5
Coxas	37,6	40,3	38,9
Genitais	73,0	72,4	72,8
Mamilos	24,6	54,1	38,1
Mãos	10,8	16,5	13,4
Nádegas	17,8	22,7	20,1
Nuca	64,3	67,2	65,7
Orelhas	51,9	47,2	49,8
Peito	34,8	22,7	29,3
Pés	5,4	10,9	7,9
Rosto	28,6	21,8	25,5
Seios	1,5	75,4	35,6
Outros	10,0	6,3	8,4

Práticas preventivas e contraceptivas

Em relação aos cuidados adotados na primeira relação sexual, 76,6% dos estudantes disseram que tomaram cuidado para evitar DST e aids; 75,7% dos estudantes disseram que tomaram cuidado "para evitar gravidez (preocupação maior entre as mulheres – 81,6%) e 17% declararam que "não tomaram nenhum cuidado", sendo essa atitude mais significativa entre os homens (20%) (Tabela 9).

Tabela 9 - "Na sua primeira relação sexual, vocês tomaram algum cuidado para?"

CUIDADOS	Homens	Mulheres	Total
Para evitar DST e aids	75,4	77,9	76,6
Para evitar gravidez	70,8	81,6	75,7
Não tomaram nenhum cuidado	20,0	14,7	17,6

Diante da pergunta "Você e/ou seu parceiro está usando algum método para evitar filhos?", 84% das mulheres e 82% dos homens responderam afirmativamente. Há entre os homens, comparativamente às mulheres, um crédito maior no uso exclusivo da camisinha, sendo esta vista como um método contraceptivo e também como meio de prevenção das DST/aids (53,7%). Entre as mulheres, 27,3% usam pílula; e

41,5% usam pílula e camisinha. Já entre os homens e/ou sua parceira, 15,9% estão usando métodos combinados; 18,4% disseram que suas parceiras usam pílula; e 28,6% dos homens responderam que usam a camisinha como método contraceptivo.

Chama atenção o receio de uma gravidez indesejada e o fato de que os cuidados nas relações sexuais para homens e mulheres superam as percentagens de 88%. Já no âmbito da última relação sexual dos entrevistados que mantinham algum relacionamento que incluíse sexo à época da entrevista (53% dos homens e 58% das mulheres), 69,6% dos homens e 47% das mulheres disseram ter tomado cuidados para evitar DST/aids, enquanto 90% dos homens e 77% das mulheres afirmaram ter tomado cuidados para evitar gravidez. Note-se que 11,9% das mulheres disseram que não tomaram cuidado em sua relação mais recente, como se observa na Tabela 10. No tocante a doenças sexualmente transmissíveis, aproximadamente 90% dos entrevistados, homens e mulheres, disseram que nunca tiveram uma. Setenta e nove por cento dos homens e 76,5% das mulheres entrevistadas afirmaram preocupar-se muito em relação à Aids.

Tabela 10 – Nessa relação mais recente, tomaram algum cuidado?

	Homens		Mulheres		Total	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Evitar DST/aids	69,6	30,4	47,1	52,9	58,4	41,6
Evitar gravidez	89,9	10,1	77,6	22,4	83,8	16,2
Ñ tomaram cuidado	4,7	95,6	11,9	88,1	8,1	91,9

Já em relação ao número de filhos desejados, observa-se que dois filhos é o padrão idealizado tanto por homens quanto por mulheres, ainda que 14,5% das mulheres e 9% dos homens tenham afirmado não desejar filhos. Tanto para homens (65%) quanto para mulheres (63,5%) a faixa etária entre 26 e 30 anos é a identificada como ideal para o primeiro filho, embora haja 22% das alunas preferiram ter a primeira experiência de maternidade na faixa entre 21 e 25 anos. Comparativamente à geração das mães dos entrevistados, observa-se uma diferença significativa em relação à idade do primeiro filho, já que o primeiro filho, em mais de 70% dos casos, veio antes dos 25 anos. Noventa e um por cento dos homens da amostra e 89% das mulheres disseram não ter filhos.

Considerações finais

As respostas dos estudantes universitários aos questionários aqui analisados parecem ter como ponto de partida representações sociais sobre a sexual

lidade convergentes com a manutenção de crenças, valores e práticas sociais integrantes de um modelo que poderíamos chamar de “modernização conservadora da sexualidade”. Isso porque, apesar das respostas sinalizarem certa tendência de fuga a uma compreensão de sexualidade baseada na hierarquia de gênero, no coitocentrismo e no culto ao corpo, em grande medida ainda há uma adesão a tais representações, estabelecendo-se uma tensão recorrente entre concepções liberalizantes, que advogam o direito ao prazer sexual, e um comportamento conformista aos imperativos da gramática sexual dominante. Nem de longe o universo sexual dos estudantes entrevistados se aproximaria do mito de que o Brasil seria uma espécie de paraíso sexual, mas também não se poderia dizer que suas vivências neste campo são iguais as de seus avós ou mesmo pais. Uma tal constatação também foi realizada por Heilborn, Cabral e Bozon (2006), os quais apontam que entre seus entrevistados, – que também estão na faixa etária que vai dos 18 aos 24 anos – igualmente haveria um jogo complexo de tensões entre modernização diferencial e lógicas tradicionais, nuançadas a partir de atributos de gênero, classe, geração, entre outros.

Não se confirma, portanto, o estereótipo de que a universidade é um espaço de liberalidade e transgressão dos comportamentos sexuais. Ao invés, prevalece a valorização de formas convencionais de exercício da sexualidade, inclusive com a presença de um número expressivo de entrevistados que declararam ainda não ter relações sexuais (mais de um quarto da amostra), distribuídos de forma proporcional do primeiro ao quarto semestre universitário, quando a maioria dos alunos tem em torno de 20 anos. Ainda é digno de nota o reduzido número de entrevistados que disseram manter práticas não heterossexuais. Causa no mínimo surpresa que apenas três estudantes tenham se sentido livres, ainda que numa pesquisa que assegurava o anonimato dos entrevistados, para reconhecerem sua homossexualidade, por mais que saibamos das eventuais dificuldades para tratar do tema sexualidade no âmbito de uma investigação quantitativa. Isso nos leva a pensar que a homofobia generalizada no mundo ocidental (Borillo, 2001) também se faz presente no ambiente universitário, muitas vezes associada ao machismo e à misoginia, o que leva muitos alunos a negarem seus desejos sexuais, quando estes não se enquadram nos

parâmetros da matriz heterocêntrica, a qual impõe uma política de silêncio e ocultamento, analisada por Sedgwick (1998), com base em sua “epistemologia do armário” de inspiração foucaultiana.

É interessante apontar, por exemplo, como as representações encontradas entre as mulheres entrevistadas são mais emblemáticas dos estereótipos de gênero prevalecentes em nossa sociedade. Chama a atenção, dessa forma, como as idéias de passividade e quietude sexual ainda fazem parte das representações que as jovens incorporam para si mesmas, além de também serem recorrentes e legitimadas entre os estudantes do sexo masculino. Por outro lado, não podemos deixar de destacar que a vida sexual desses jovens, na maior parte das vezes, tem características que vão de encontro aos padrões conservadores de regulação e negação do exercício da sexualidade. Por exemplo, a grande maioria dos entrevistados não mais reconhece a virgindade como valor e sua primeira relação sexual geralmente acontece com o(a) namorado(a), na casa da família de um dos dois. Além disso, mais de metade dos estudantes declarou que mantinha um relacionamento estável, com duração de mais de três meses, que incluía sexo, e aproximadamente vinte e cinco por cento deste total disseram ter feito sexo com outras pessoas que não seus parceiros estáveis.

Nesse cenário de permanências e transformações, convém lembrar que a sexualidade, assim como qualquer outra forma de interação social, não deve ser compreendida como estruturada e determinada por atributos naturais, supostamente condicionadores das maneiras de pensar, sentir e agir de todos os seres humanos. Ao contrário, as normas e os valores sociais, incluindo os relativos à sexualidade, são construídos a partir de complexos processos de interação social e histórica. Como destaca Rubin (1989, p. 133), “a sexualidade é tão produto humano como o são as dietas, os meios de transporte, os sistemas de etiqueta, as formas de trabalho, as diversões, os processos de produção e as formas de opressão”. A esperança é de que, nesse processo de transformação social permanente que vivemos, as representações do desejo e do prazer sexuais caminhem de mãos dadas com a construção de uma sociedade democrática, onde a sexualidade deixe de ser um instrumento de controle e segregação social e se transforme em um meio de auto-conhecimento e de comunicação com o outro.

Referências

- ABDO, Carmita et al. Perfil sexual da população brasileira: resultados do estudo do comportamento sexual brasileiro (ECOS). *Revista Brasileira de Medicina*, v. 59, n. 4, p. 250-257, 2002.
- BORGES, Maria Elisa. *Estudo descritivo do orgasmo na comunidade goianiense*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Biologia da Universidade Federal de Goiás, mimeo, 1996.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia*. Barcelona: Bellaterra, 2001.
- CASTRO, Mary G; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena B. da. *Juventudes e Sexualidades*. Brasília: Unesco, 2004.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Relatório Folha da sexualidade brasileira. Caderno Mais, 19 de janeiro, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I - a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da USP, 1993.
- GUASCH, Oscar y OSBORNE, Raquel. Avances en sociología de la sexualidad. In: GUASCH, Oscar y OSBORNE, Raquel (comps.). *Sociología de la sexualidad*. Madrid: CIS, 2003, p. 1-24.
- HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.
- HEILBORN, Maria Luiza; CABRAL, Cristiane S.; BOZON, Michel. Valores sobre sexualidade e elenco de práticas: tensões entre modernização diferencial e lógicas tradicionais. In: HEILBORN Maria Luiza et al (Orgs.). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.
- HITE, Shere. *O Relatório Hite sobre sexualidade masculina*. São Paulo: Difel, 1982.
- _____. *O Relatório Hite sobre sexualidade feminina*. São Paulo: Difel, s/d.
- INEZ, Antonio Leal de Santa. *Pesquisa acerca dos hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- KINSEY, Alfred C.; POMEROY, Wardell B.; MARTIN, Clyde E.. *Sexual behavior in the human male*. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1948.
- KINSEY, Alfred C. et al. *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1953.
- LIMA, Délcio Monteiro de. *Comportamento sexual do brasileiro*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- MELLO, Luiz. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS*. Brasília: Ministério da Saúde/Coordenação Nacional de DST e Aids, 2000.
- PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, s/d.
- PIROTTA, Kátia. *Não há guarda chuva contra o amor: estudo do comportamento reprodutivo e de seu universo simbólico entre jovens universitários da USP*. Tese (Doutorado)-Departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública da USP. São Paulo: USP, 2002.
- RUBIN, Gayle, Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole, (comp). *Placer y peligro. Explorando la sexualidad femenina*. Madrid: Revolucion, 1989, p. 113-190.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemología del armario*. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 1998.
- SILVEIRA, Marilza Terra. *Formandos de Medicina: conhecimentos, comportamentos e atitudes perante a sexualidade*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás, mimeo, 1993.
- SZASZ, Ivonne. El discurso de las ciencias sociales sobre las sexualidades. In: CÁCERES, Carlos f. et al. *Ciudadanía Sexual en América Latina: Abriendo el Debate*. Universidad Peruana Cayetano Heredia, 2004. p. 65-75.
- VASCONCELOS, Naumi A. de. *Resposta sexual brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 35-82.

Sexuality among university students: a study of social values, beliefs and social practices in Goiânia

Abstract

This article presents the main results of a research on values, beliefs, and social practices related to the sexuality of the students of the Federal University of Goiás. The research was carried out during the first semester of 2005 when 320 students answered a questionnaire with 130 questions. The most important finding is that there is a general representation of sexuality that converges in the maintenance of a pattern that we could name "conservative sexual modernization". Although the answers signal a strong tendency of escaping from a view of sexuality as a gender hierarchy, "coitocentrismo", and body cult, there still are great attachments to those views which show a tension between liberal conceptions of sexuality and a conformism to imperatives of a dominant sexual grammar.

Key-words: sexuality; university students; Goiânia.

Data de recebimento do artigo: 15 de setembro de 2007

Data de aprovação do artigo: 24 de abril de 2008